

Zélia usa índice para convencer FMI

A ministra da Economia da Economia, Zélia Cardoso de Mello, aproveitou ontem sua primeira reunião como chefe da missão do Fundo Monetário Internacional (FMI), Thomas Reichmann, para fornecer um dado novo que vem reforçar a expectativa de controle da inflação. Sacou de seus papéis o relatório que recebeu pela manhã informando que a inflação de julho, medida pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe), é de 7,27%, uma queda em relação a pesquisa da semana passada, que sinalizava para um índice acima dos 8%.

Suas previsões para este mês são também favoráveis, porque a evolução dos preços na primeira semana foi de apenas 0,6% projetando um "número pequeno para agosto", como comentou à tarde, em entrevista coletiva. No índice que compara as quatro semanas de julho contra igual período de junho, a Fipe apurou uma variação média de preços de 11,31%, uma queda de 1,2% em relação aos 12,5% registrados na comparação das primeiras três semanas.

O índice de inflação de 7,27% foi obtido pela Fipe através da medição dos preços ponta-a-ponta (comparando-se os preços da quarta semana de julho com os da quarta semana de junho), expurgando-se os aumentos dos alugueis.

As informações de Zélia neutralizaram a expectativa de Thomas Reichmann que, durante o rápido encontro com a ministra, embora manifestando sua concordân-



Reichmann diz que ainda é cedo para falar sobre as negociações

cia de que o programa de ajuste "está na direção correta", ponderou que a economia brasileira convivia, neste momento, com dois pontos cruciais: as expectativas inflacionárias e a vulnerabilidade da política salarial, segundo um dos participantes da reunião.

Além de Reichmann e os quatro técnicos do FMI, participaram da reunião o representante do Brasil no Fundo, Alexandre Kafka, o negociador oficial da dívida, embaixador Jório Dauster, e o secretário especial de política econômica, Antônio Kandir. A audiência

durou menos de uma hora porque a ministra teve de sair para outro compromisso.

Questão crucial

Em relação aos índices de inflação, a ministra pôde rebater com os dados da Fipe. "O resultado me deixa satisfeita porque vem confirmar as previsões". Seus comentários sobre a política salarial foram, porém, mais ponderados. Reconheceu que se trata de uma questão "crucial e negativa ao programa econômico". Mais uma vez fez sua defesa contra novas tentativas de indexação dos salários. Acredita

que os políticos não derrubarão o veto do presidente Collor à lei do Congresso que garante aumentos salariais indexados à inflação passada, prevalecendo as regras do Governo para a recomposição das perdas salariais. No entanto, aceitou com um maior rigor na execução da política monetária, caso o veto presidencial seja derrubado. "Se o veto não for mantido, não estará prejudicada a negociação com o Fundo. Mas utilizaremos o meio do convencimento para evitar que isto aconteça", avisou.

Thomas Reichmann foi reticente em seus comentários. Disse apenas que ainda é muito cedo para falar sobre as negociações. Uma expectativa diferente da ministra Zélia, que acena com um acordo com o Fundo Monetário no final de setembro início de outubro, quando espera poder retomar, oficialmente, as negociações com os bancos credores. Ontem, ela revelou que até o próximo dia 20, quando começam a chegar ao País os primeiros emissários dos bancos estrangeiros para conversas individuais, o Governo já terá definido as linhas mestras das negociações com os bancos credores, organismos internacionais e oficiais de crédito.

Segundo a ministra, o Governo trabalha com a hipótese de "entrelaçar" as negociações com os credores brasileiros. "A nossa expectativa é de iniciar 1991 com os entendimentos bem encaminhados", insistiu sem avançar, no entanto, na possibilidade de o Brasil retomar ainda este ano o pagamento junto aos bancos credores.